

REVISTA | JOURNAL

# INVENIRE

Bens Culturais da Igreja | Cultural Heritage of the Church

II Série | Nº 1 | 2021

Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja



# Expressões de poder, espaços de devoção

## As abadessas trienais do mosteiro cisterciense de S. Bento de Cástris

ANTÓNIA FIALHO CONDE

Departamento de História da Universidade de Évora / CIDEHUS

### Resumo

Jean Délumeau, ao consagrar a História das Religiões como campo de debate historiográfico, sublinha duas linhas de força na actuação da Igreja na Reforma Católica: o fortalecimento das suas estruturas internas e a defesa dos paradigmas da santidade e da piedade. É à luz deste contexto que procuraremos abordar, a partir da comunidade cisterciense de S. Bento de Cástris (localizada em Évora, cidade que conheceu exemplos similares), o papel das comunidades femininas enquanto espaços de encomenda artística, perpetuando os ditames tridentinos. Essa encomenda, tanto de religiosas particulares como de preladas, além das exigências do quotidiano em relação à manutenção do espaço edificado, teve lugar de forma mais estruturada na comunidade de que nos ocupamos logo nas primeiras décadas do século XVI, prolongando-se nos séculos posteriores através da pintura, talha, azulejaria, ourivesaria, carpintaria, encomenda de órgãos e de livros e manuscritos litúrgicos destinados, estes últimos, ao Coro.

### Palavras-chave

S. Bento de Cástris; Abadessas;  
Encomenda artística; Concílio de Trento.

### Abstract

Jean Délumeau, in consecrating the History of Religions as a field of historiographical debate, emphasises two lines of force in the action of the Church in the Catholic Reformation: the reinforcement of its internal structures and the defence of the paradigms of sanctity and piety. It is in this context that we shall seek to address, based on the Cistercian community of S. Bento de Cástris (located in Évora, a city that knew similar examples), the role of women's communities as spaces of artistic commissioning, preserving the Tridentine dictates. This commissioning, both of religious women and of prelates, in addition to the daily demands of maintaining the built space, took place in a more structured way in the community we are dealing with from the first decades of the 16th century, continuing in the following centuries through painting, carving, tiles, goldsmithery, carpentry, organ commissioning and liturgical books and manuscripts intended, the latter, for the Choir.

### Key-words

S. Benedict of Cástris; Abbesses;  
Artistic Commissions; Council of Trent.

Página seguinte:

**Visitação**

Diogo Contreiras  
(atribuído), Século XVI  
Museu de Évora -  
Museu Nacional Frei  
Manuel do Cenáculo

© José Pessoa, Direcção-  
-Geral do Património  
Cultural / Arquivo de  
Documentação Fotográfica  
(DGPC/ADF)



## A Congregação de Alcobaça e as prelaizas trienais

A primeira abadessa trienal do mosteiro de S. Bento de Cástris, D. Maria de Almeida<sup>1</sup>, foi eleita em 1586 sob a presidência do então Geral da Congregação Autónoma de Alcobaça, Fr. Bernardo de Santa Maria. Como em todos os mosteiros femininos, a gestão e a administração de bens<sup>2</sup> implicava a actuação do Padre feitor; quando quisessem realizar obras, estes mosteiros deveriam dirigir uma petição ao Geral e ao Definitório, depois de uma votação favorável interna em Capítulo, comprovada pela escritã. Tal documentação seria depois analisada pela Mesa dos Intendentes (criada em 1760), para ser aprovada em Capítulo Geral. Em obras consideradas grandes, um dos padres da Mesa deslocava-se ao mosteiro que as solicitava, acompanhado de um ou mais arquitectos da Ordem, cuja função seria ajustar o risco e sítio da obra, eleger os mestres para a dirigirem, assistir à consumação da mesma e verificar os materiais necessários.

No mosteiro cisterciense de Évora a explicitação destas intervenções surge-nos de forma sistemática apenas a partir de 1672 nos Livros da Feitoria, sendo os dados complementados pelos livros da Bolsaria, da Tulha e da Folha (estes últimos com dados posteriores a 1705). Com base nesta documentação, temos que as despesas em obras no mosteiro eram inferiores a 5% do total das despesas, e apenas por oito vezes ultrapassam os 10%. Pelas datas atrás apontadas torna-se evidente que para os últimos catorze anos do século XVI, com o início dos abadessados trienais, e para grande parte do século XVII os dados são mais esparsos. O mesmo se passa para os últimos abadessados perpétuos, nomeadamente no século XVI, e que foram, em termos de campanhas de obras, muito activos no mosteiro.

## A acção das abadessas nas campanhas de obras e na encomenda artística do mosteiro

Obedecendo a uma harmonia cisterciense típica, o mosteiro desenvolve-se em torno de um claustro quadrilátero, aliando a funcionalidade à simplicidade (Conde, Martins, 2016). A igreja respeita a dimensão do cenóbio (e a ele proporcional), os materiais da região e algumas estruturas preexistentes (Jorge, 1999: 856). Trata-se de um conjunto onde se revela o particularismo arquitectónico alentejano entre fins do século XV e inícios do seguinte, e que, também em termos arquitectónicos, tem vindo a ser cada vez mais trabalhado (Conde, 1995; Faustino, 2018; Reis, 2014; Santos, 2017; Bilou, 2018).

A marca da medievalidade no conjunto não deve ser dissociada das abadessas que estiveram na origem da Casa, com abadessados longos, e lhe asseguraram o património fundiário matricial. Estudos recentes provam a sua ligação com as elites do reino, como D. Maior Pais Perdigão (Villa Franca, Rosa, 2020), ou que,

embora breves, como o de Joana Peres Ferreirim, a História haveria de guardar como representativos em termos de conflito de poderes:

“Neste capítulo jas hua Abbadessa de S. Bento que El Rey mandou arrastar, e vindo atada ao rabo do cavallo já morta e maltratada, a sahirão os Padres desta Casa a tomar do Cavallo, e trazendoa a Emterrão mto honradamente, que era pessoa de sangue; e os Nobres da cidade folgarão, e nos fazião por isso muitas Esmolas; de que ficou por este motivo hua grande amizade com as Monjas de S. Bento.”<sup>3</sup>.

Por esta altura, em inícios do século XV, o espaço ocupado por estas religiosas de Cister (reconhecidas por Roma enquanto tal desde 1278), começava a ganhar maior dimensão, mercê também das esmolos de particulares:

“Em Évora nos passos [sic] do concelho em 3 de Setembro da Era de 1459 fazendo audiência Álvaro Falcão cavaleiro e juis em Évora lhe requereo Fr. Affonço guardiam de S. Francisco de Évora (...) lhe mandace dar o treslado de humas verbas do testamento de Pedro Esteves Gavião e de sua molher Constança Martins que aprovarão em Évora em 31 de Março de 1402 (...) e por elle consta deixarão as verbas seguintes mando qu’as donnas do mosteiro de Sam Bento de Castris lhes fação hum alpendre desde o painel do dromitorio athe a porta do convento por onde se emtra na igreja de maneira que possão emtrar as donnas do dromitorio para a igreja outrosim lhe fação hum portal em direito danchistia (?) que possão hir as matinas e as horas de maneira que lhe não chova e outrosim possão emtrar no convento e fasa-lhe bom lanço e bons esteios e boas colunas e bons capiteis de pedra”<sup>4</sup>.

Mas vastas obras estruturais para ampliação do mosteiro verificaram-se no século XVI, em 1519<sup>5</sup>. Em 1520 é confirmado o contrato celebrado entre Estêvão Lourenço, pedreiro, e o amo do Príncipe, Bartolomeu de Paiva, por mandado do rei, para a construção de duas quadras do Claustro de acordo com as duas já existentes - as alas sul e nascente (Viterbo, 1904: 82-84)<sup>6</sup>. A obra teria que estar pronta em junho de 1521, sendo Gonçalo Nunes nomeado pelo rei como vedor e recebedor desta intervenção<sup>7</sup>. Claude de Bronseval, acompanhando o Geral de Cister D. Edme de Saulieu na visita ao mosteiro em 1531 (Bronseval, 1970), descreve-o como sendo pequeno, com poucas estruturas construídas, apontando-se recentemente intervenções no conjunto entre 1535 e 1542 por Miguel de Arruda (Bilou, 2020); só em 1593 as *Definições* da Congregação<sup>8</sup>, Capítulo LI, *Dos Edifícios & Obras dos Mosteiros* dariam algumas indicações, esparsas, para expansão dos espaços construídos.

Na conjuntura de alargamento e consolidação do espaço inicial do mosteiro surge como abadessa, em inícios do século XVI (1502) D. Leonor<sup>9</sup>, sendo que por altura das obras de Estêvão Lourenço essa função era assumida por D. Violante de Melo<sup>10</sup>. Paralelamente às obras estruturais, desde meados da década anterior (c. 1515) o mosteiro contava com pelo menos uma obra de Francisco Niculoso Pisano (Pleguezuelo, 2018).

Na década de 30 destacar-se-ia, na encomenda artística da comunidade, D. Violante da Silveira<sup>11</sup>, referida como Regedora logo em 1534. Violante da Silveira registou, a 13 de junho de 1534, a chegada ao mosteiro de duas pinturas, uma *Anunciação* (que chegou até aos nossos dias) e um *Nascimento de Jesus*, que eram destinadas a um conjunto retabular para a capela-mor; porém, o conjunto encontrava-se inacabado, dada a morte do pintor responsável, Estêvão Tomás (Conde, Serrão, 2015). António de Holanda assina este documento em que a Regedora exigia que o retábulo fosse completado, agindo como mediador de D. Violante; a sua presença nessas fun-



*Anunciação*  
Francisco Niculoso,  
Século XVI [c. 1515]  
Museu de Évora -  
Museu Nacional Frei  
Manuel do Cenáculo  
© Abreu Nunes, Direção-  
-Geral do Património  
Cultural / Arquivo de  
Documentação  
Fotográfica (DGPC/ADF)

ções levanta a hipótese da sua ligação ao mosteiro enquanto iluminador (Conde, Cid, 2015; Miguel, Jacobs, Dias, Ferreira, Conde, Candeias, 2020), visto que precisamente na década de 30 do século XVI terá trabalhado para o convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora (Deswarte-Rosa, 2005). Com a mesma Regedora o mosteiro recebeu, também em 1534, uma doação régia de vários ornamentos (paramentaria – dalmáticas, manípulos, estolas, alvas de chamalote e veludo, não devendo ser de cor carmesim - e um frontal dos mesmos tecidos e cor)<sup>12</sup>. Trata-se de mais uma prova da influência desta personagem fora do espaço claustral, já na altura escolhido por jovens de importantes famílias locais e nacionais (os Vasconcelos, do morgado do Esporão, os Lobo de Montemor, os Cogominho, os Cota Falcão, de Coruche, os Melo, os Almeida, os Castro), sendo que os Silveira mantiveram a sua relação com a comunidade, desempenhando as religiosas da família cargos de topo na hierarquia do cenóbio.

Em 1536 chegou ao mosteiro D. Violante de Sousa Chichorro, vinda de Odivelas (no cargo até 1564). Cerca de uma década depois da sua chegada, o mosteiro estabeleceria uma intensa relação artística com o pintor lisboeta Diogo Contreiras (Caetano, 1988-1993, 1993; Serrão, 2017; Serrão, Simões, 2010-2011). Este pintor (act. 1521-1565) terá efectuado pelo menos duas empreitadas no cenóbio (Caetano, 1988-1993).

Entre 1552-1554, iniciou um retábulo, *S. João Baptista no deserto*, terminado dois anos depois<sup>13</sup>, onde se inclui uma das suas obras mais reconhecidas, *Pregação de São João Baptista* (Caetano, 1988-1993: 89).

A documentação do mosteiro revela que em 1556 o pintor receberia ainda o pagamento inicial do tríptico da *Concepção, Nascimento e Infância da Virgem*<sup>14</sup>. Sublinhe-se ainda, para este período, a relação do mosteiro com a Casa Real: Antónia Nunes, excelente instrumentista e cantora, fora criada da rainha D. Leonor, e entrara para o



*Pregação de  
São João Baptista*  
Diogo Contreiras,  
Século XVI [c. 1554]  
Museu de Évora -  
Museu Nacional Frei  
Manuel do Cenáculo  
© Carlos Monteiro,  
Direção-Geral do  
Património Cultural /  
Arquivo de Documentação  
Fotográfica (DGPC/ADF)

mosteiro após a morte da rainha (1525); já Pedro Dias, procurador das religiosas, era também confessor da rainha, D. Catarina de Áustria (Pleguezuelo, 2018: 178).

A encomenda de Livros de Coro e manuscritos musicais marcava também a presença das abadessas; os grandes formatos permitiram que muitos deles não fossem destruídos (Fueyo Suárez, 2008), permanecendo em muitos o nome das religiosas que os patrocinaram. Em 1561, com D. Violante de Sousa Chichorro, Domingos Fernandes confirma dela ter recebido instruções para a feitura de livros, determinando o seu formato e o número de cadernos<sup>45</sup>; a mesma abadessa já encomendara outros livros, ficando essa encomenda neles testemunhada por escrito<sup>46</sup>. À decoração de livros de grande porte fica também ligada a figura de frei António de Araújo, duas vezes confessor em Cástris (1663-1666 e 1678-1680, contemporâneo dos últimos anos de vida de Maria de Mesquita Pimentel, que nos legou importante obra escrita), mosteiro onde viria a morrer (Machado, 1930: 203). Em 1798 os monges de Alcobaca continuavam a assegurar a decoração dos livros de Coro para o mosteiro, com frei Rodrigo das Dores<sup>47</sup>.

Para o século XVII, as obras efectuadas no mosteiro caracterizaram-se pela expansão e melhoramento das instalações e pelos esforços ao nível da decoração, conhecendo os outros mosteiros fenómeno semelhante (Gusmão, 1957: 9-12).



Pintura mural  
José de Escovar  
(atribuído), Século XVII  
Coro alto do mosteiro  
de S. Bento de Cástris,  
Évora  
© Antónia Fialho Conde

Houve obras estruturais, ao nível do primeiro e segundo pisos, mas também intervenções a nível decorativo, como a pintura a fresco, com José de Escovar, em 1605, no refeitório, respondendo a uma encomenda das religiosas, com as armas dos Melo, família a que pertencia a então abadessa, D. Mécia<sup>18</sup>. Também no Coro alto e em toda a cobertura da igreja subsiste pintura a fresco deste mesmo período.

Se temos as armas dos Melo no refeitório, na igreja e na casa do capítulo<sup>19</sup>, ligadas certamente aos abadessados, os capitéis armoriados no claustro colocam também os Almeida e os Cota Falcão no topo da hierarquia do mosteiro<sup>20</sup>.

D. Ana de Faria de Almeida viu aprovado o azulejamento do refeitório em 1654, constando o seu nome nos azulejos, entretanto saqueados. Com D. Luísa Antónia de Mesquita, contando o mosteiro com 73 religiosas<sup>21</sup>, são referidas obras pontuais na igreja, alguma escultura<sup>22</sup>, e, em 1697, a construção do primeiro piso da enfermaria, encimado por altar de alvenaria, estucado



Pintura mural  
José de Escovar  
(atribuído), Século XVII  
Coro alto do mosteiro  
de S. Bento de Cástris,  
Évora  
© Antónia Fialho Conde

e escaiolado, acompanhado lateralmente por pintura a têmpera. Na galeria do claustro deste piso tiveram lugar decorações pontuais nas capelas (azulejos, esgrafitos, alguns frescos), de que restam escassos vestígios.

Em 1700, no abadessado de D. Maria Helena de Carvalho, é referido o calcetamento do pátio<sup>23</sup>, e em março 1701 obras na cobertura da capela-mor e 12 painéis pintados para o Coro<sup>24</sup>, intervenção que durou até outubro do mesmo ano<sup>25</sup>. Essas obras foram continuadas na década de 40, com as abadessas D. Córdola Maldonado e D. Joana Mascarenhas<sup>26</sup>.

Nos abadessados seguintes há referência a alguma ourivesaria: D. Maria Inácia Moniz de Castelo Branco, em 1719, doou ao mosteiro uma valiosa cruz com uma relíquia do Santo Lenho<sup>27</sup>; na década seguinte, obras pontuais de conservação e manutenção do edifício<sup>28</sup>. Em 1735, já com D. Catarina Maria de Carvalho como abadessa, o destaque vai para os gastos em decoração efémera do altar-mor<sup>29</sup>. Em 1738, D. Maria Catarina Vieira aposta em obras de manutenção<sup>30</sup>; do seu terceiro abadessado (1751-1754) restava um interessante sino em bronze, datado de 1753, cujo destino se desconhece; foi três vezes eleita abadessa, a última “indo a votos com dispensa do Papa.”<sup>31</sup>.

D. Córdola Francisca Maldonado, de Évora, teve como dotador o padrinho, o cônego prebendado da Sé de Évora, Álvaro Ferreira de Carvalho<sup>32</sup>. Abadessa entre 1739 e 1742, em junho de 1740 assegurou o pagamento de quatro painéis de estuque do Coro<sup>33</sup> e, no ano seguinte, muita paramentaria, diversos concertos, recorrendo-se, na carpintaria, a madeira de Portalegre, com várias referências ao mestre carpinteiro Alberto dos Reis. Em 1741 começou a figurar nas contas da Feitoria o pagamento a Filipe da Cunha, mestre organeiro, para um órgão para o mosteiro<sup>34</sup> (Tudela, 2016).

No abadessado de D. Joana Teodora de Sousa Mascarenhas (abadessa entre 1742 e 1745) investiu-se na talha e azulejaria, implicando tanto o concerto de altares já existentes como a feitura de novos e a presença de pedreiros, carpinteiros, pintores, entalhadores e *lavrantes* da pedra<sup>35</sup>.

O segundo abadessado de D. Teresa Josefa de Vasconcelos fica marcado pelas repercussões que o mosteiro sofreu com o terramoto de 1755<sup>36</sup> e pelas obras de manutenção que necessitou. No seu último abadessado (1765-1768) o Coro de baixo foi acrescentado e abobadado e terá levado alguns azulejos<sup>37</sup>.

Em 1759, com D. Umbelina Violante de Sousa Mascarenhas, foram significativas as obras de captação, condução e usufruto da água no mosteiro (cercas, claustro)<sup>38</sup>, bem como o início da construção da capela da cerca, completada no triénio seguinte.

Em Maio de 1776, e fruto das determinações pombalinas, as religiosas foram obrigadas a ingressar no mosteiro de S. Dinis de Odivelas, onde se mantiveram cerca de um ano. No regresso, o mosteiro foi encontrado arruinado, necessitando de intervenções várias. Este caminho foi iniciado por D. Luísa Antónia de Sousa Vidigal (1778-1781), com a rectificação do mosteiro (cerca, muros, alpendre e algumas oficinas, como o lagar<sup>39</sup>), incluindo a sacristia, a capelania e a hospedaria. Renovam-se também a prata, o estanho (âmbulas, custódia, castiçais)<sup>40</sup>, os sinos,

a carpintaria (com madeiras da Flandres, de Portalegre, do Brasil) em especial na igreja, no cadeiral do Coro, no púlpito para o refeitório<sup>41</sup>.

Com D. Ana Maria da Encarnação Leite (1786-1789) foram colocados azulejos em todo o Claustro (ainda documentados fotograficamente na década de 40 do século XX), campanha azulejar que se estendeu à igreja: os azulejos existentes foram retirados<sup>42</sup> para se colocarem os painéis que atualmente podemos observar (Pais, Pereira, 2000; Verão, 2009, 2016), sendo ainda apurada a talha<sup>43</sup>. Foram comissionados três retábulos, dois para a igreja e um para a capela de S. João<sup>44</sup>, e peças de ourivesaria<sup>45</sup>. Recorre-se ao mármore de Borba e Estremoz para pavimentar toda a igreja, cruzeiro, capela-mor e sacristia, a cargo do Mestre José Mancio, de Estremoz, e ao xisto para aplicação no átrio da igreja. Um pintor atua em 1788, pintando e fingindo de nogueira as portas da tribuna da Igreja, lavrando os remates do órgão do Coro de baixo.

No triénio seguinte (1789/1792) a abadessa D. Antónia Rita da Cunha Sottomayor assegurou, na igreja, a pintura e o douramento das capelas colaterais, dos painéis para a igreja, sacristia e capelas do claustro<sup>46</sup>. A talha, a ourivesaria (resplendores, coroas de prata), a paramentaria (véus de ombros), a imaginária (a *Senhora e o Menino* mandada fazer pelo Abade do Desterro, em Lisboa; *Nossa Senhora do Socorro*) não foram esquecidas.

Nos três triénios seguintes, e até à dobragem para o século XIX, assiste-se essencialmente a obras e manutenção do mosteiro e a intervenções nos edifícios secundários (forno, lagar, cavalariça, celeiro, atafona), com referência especial à água, sendo sempre revista a ligação ao aqueduto da Água de Prata.

## Considerações finais

À maneira da sua fundação, o mosteiro de S. Bento de Cástris é, no panorama cisterciense nacional, humilde, tendo conseguido resistir a vicissitudes diversas, que se prolongam nos dias de hoje. Não tendo conhecido direta intervenção régia, ou da Casa real, em termos de fundação; não tendo tido patronos que lhe assegurassem meios económicos que se concretizassem em sumptuosas instalações e/ou decorações, o mosteiro, por um lado, é identificável pela singeleza bernardina adaptada aos moldes artísticos vigentes no sul do país, e por outro, identifica-se com algumas famílias de religiosas, ou com religiosas particulares que, sobretudo pelo cargo que exerciam, nele deixaram a marca do tempo em que viveram e dos recursos económicos de que dispunham, ou que os melhores anos da comunidade, em termos financeiros, permitiam. O papel das religiosas na encomenda artística com diferentes papéis e estatutos dentro das comunidades é um tema vasto e a percorrer, analisando os caminhos da perpetuação da memória através da arte, num contexto em que a investigação reconhece cada vez mais a importância do patrocínio, por mulheres leigas, de obra artística para instituições religiosas masculinas ou femininas enquanto afirmação de poder.

Data de receção / date of reception: 23-11-2020

Data de aceitação / date of acceptance: 25-06-2021

## NOTAS

1. Biblioteca Pública de Évora [BPE] – Códice CXXXI/ 2-21, *Livro das Enleições das Abadessas trienais de S. Bento*.
2. Esta norma ficou particularmente bem frisada no Capítulo geral de 1732, em que foi eleito o Padre Mestre Doutor Frei Manuel da Rocha.
3. BPE – Fundo Manizola, Cód. 74, Nº 3, fl. 5.
4. BPE – Cód. CLXVI/1-5, fl.28 - Convento de São Francisco de Évora, Inventários. O Testamento encontra-se na Pasta 2 dos Pergaminhos Avulsos de São Francisco, Nº 37.
5. Arquivo Nacional Torre do Tombo [ANTT] – Corpo Cronológico, Parte II, Mç. 35, Nº 74.
6. O documento original encontra-se no ANTT – Corpo Cronológico, Parte I, Mç. 26, Nº 103.
7. ANTT – Corpo Cronológico, Parte I, Mç. 26, Nº 112.
8. *Diffinicoens da Ordem de Cistell: e congregaçam de Nossa Senhora de Alcobaça*. Em Lisboa, impressão com Licença da Sancta Inquisição, por António Alvarez, impressor do Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Dom Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa, Ano de 1593.
9. BPE – Pasta de Pergaminhos de S. Bento, 100 Pergaminhos, Doc. 88.
10. BPE – Pasta de Pergaminhos de S. Bento, 100 Pergaminhos, Doc. 91, citando-a como abadessa em 1521 e Doc. 92, onde surge com as mesmas funções em 1526. D. Violante de Melo é ainda referida no cargo em 1528.
11. D. Violante da Silveira surge assim como a encomendante do retábulo e como Regedora seria determinante na encomenda artística do mosteiro (Conde, Serrão, 2015).
12. ANTT – Corpo Cronológico, Parte I, Mç. 52, Nº 120.
13. BPE – Livro 13 Fundo S. Bento, Doc. 11. Estes documentos completam os existentes no Livro 11 do mesmo Fundo, Docs. 8 e 214.
14. BPE – Livro 13 Fundo S. Bento, Doc. 12.
15. BPE – Livro 17 do Fundo de S. Bento de Cástris.
16. Arquivo Distrital de Évora [ADE] – Mus. Lit. Ms. 2. Os Livros de Coro do mosteiro estão disponíveis em <http://www.orfeus.pt/musica.php>.
17. BPE – Cód. CXXXII/1-18, set/dez 1798, fl. 16.
18. ADE – Notariais de Évora, Livro 333 de Domingos Pires, fls. 191-193 (descoberta, leitura e análise de Vítor Serrão).
19. Armas semelhantes também as encontramos no fecho da abóbada da portaria da igreja; no fecho da abóbada da nave, onde seis delas se contrapõem a uma esfera armilar, encontrando-se também a encimar quatro colunas.
20. Uma e outra família foram decisivas na história do mosteiro nos séculos XVI e XVII. No refetório, as cores identificam os Melo (Zuquete, 1961; Espanca, 1966: 287-293).
21. BPE – Cód. CXXXII/2-48, fl. 23 v.
22. BPE – Cód. CXXXI/2-10, fl. 28.
23. BPE – Cód. CXXXII/ 1-3, fl. 98.
24. BPE – Cód. CXXXII/1-3, fl. 98 v.
25. BPE – Cód. CXXXII/1-3, fl. 102 v.
26. BPE – Cód. CXXXI/2-10, fls. 97 v., 98, 98 v., 99 e 99 v.
27. BPE – Cód. CXXXI/2-10, fl. 24.
28. BPE – Cód. CXXXII/1-4, fls. 12, 16, 16 v., 17 v., 41.
29. BPE – Cód. CXXXI/2-10, fls. 28 v., 29.
30. BPE – Cód. CXXXII/2-48, fl. 119 v.
31. Biblioteca Nacional de Portugal [BNP] – Alc. 1479, fl. 131.
32. BPE – Cód. CXXXI/2-1, doc. 27.
33. BPE – Cód. CXXXII/1-7, fl. 26 v.
34. BPE – Cód. CXXXII/1-8, fls. 11 v., 15.
35. BPE – Cód. CXXXI/2-10, fls. 97 v., 98, 98 v., 99 e 99 v.
36. BPE – Cód. CXXXII/2-49, fl. 36.
37. BPE – Cód. CXXXII/ 2-49, fl. 165.
38. BPE – Cód. CXXXII/2-48, fls. 47 e 47 v.
39. BPE – Cód. CXXXII/1-13, fl. 52.
40. BPE – Cód. CXXXII/ 1-13, fl. 55 v.
41. BPE – Cód. CXXXII/1-13, fl. 65.
42. “pedreiros que tirarão o Azoeljo , rasgarão as Grades dos dois Coros abrirão seis Tribunas sete Janelas modarão o Púlpito elevarão o Arco da Capela mor fizerão hum Confessionario desfizerão a Abobeda da Capela mor e Paredes da parte da Estrada fizerão outras de novo Estucarão a Igreja fizerão o Altar e taparão as varias Portas”. BPE – Cód. CXXXII/ 2-49, fl. 165.
43. BPE – Cód. CXXXII/ 2-49, fl. 166 v.
44. BPE – Cód. CXXXII/1-13, fl. 65.
45. BPE – Cód. CXXXII/ 2-49, fl. 179 v.
46. BPE – Cód. CXXXII/2-49, fl. 198 v.; Cód. CXXXII/1-16, fl. 49 v.

## BIBLIOGRAFIA

## Fontes

Arquivo Nacional Torre do Tombo

Corpo Cronológico: Parte I, Mç. 26, Nºs 103 e 112; Parte I, Mç. 52, Nº 120; Parte II, Mç. 35, Nº 74.

Arquivo Distrital de Évora

Notariais de Évora, Livro 333 de Domingos Pires, fls. 191-193.

Biblioteca Pública de Évora

Códices CXXXI/2-20, CXXXI/2-21; CXXXII/1-2 a CXXXII/1-29; CXXXII/2-48 a CXXXII/2-50; CXXXII/2-1 a CXXXII/2-28; CXXXI/2-10, fls. 28, 97 v., 98, 98 v., 99 e 99 v.; CXXXI/2-10, fl. 24; CXXXI/2-1, doc. 27.

Pasta de Pergaminhos de S. Bento, 100 Pergaminhos, docs. 36, 37, 74, 78, 88, 91, 92.

Pasta 2 dos Pergaminhos Avulsos de São Francisco, nº 37.

Fundo Manizola, Cód. 74, nº 3, fl. 5.

Cód. CLXVI/1-5, fl. 28 - Convento de São Francisco de Évora.

Livro 11, 13 e 17 do Fundo de S. Bento de Cástris.

Biblioteca Nacional de Portugal

Cartório de Alcobaça, Alc. 1479, fl. 131.

*Diffinicoens da Ordem de Cistell: e congregaçam de Nossa Senhora de Alcobaça*. Lisboa, 1593.

## Estudos

BILOU, Francisco (2020) – Miguel de Arruda em S. Bento de Cástris. Notícia *Princeps*.

BILOU, João (2018) – *Rede monástica de Évora: um percurso arquitetónico entre a cidade e o ermo* [texto policopiado] Évora: [s.n.]. Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada à Universidade de Évora.

BRONSEVAL, Claude de (1970) - *Peregrinatio Hispanica*. Paris: PUF.

CAETANO, Joaquim Oliveira (1988-1993) – O pintor Diogo de Contreiras e a sua actividade no convento de S. Bento de Cástris. *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora. Anos XLV -L, Nº 71-76, pp. 73-94.

\_\_\_\_ (1993) – Identificação de um pintor. *Oceanos*. Nº 13, pp. 112-118.

CONDE, Antónia Fialho (1995) – *Mosteiro de S. Bento de Cástris (Évora): bases para uma proposta de valorização histórico-arquitetónica* [texto policopiado]. Évora: [s.n.]. Dissertação de Mestrado em Património Arquitectónico e Paisagístico apresentada à Universidade de Évora.

\_\_\_\_ (2007) – S. Bento de Cástris na Congregação Autónoma de Alcobaça: Extensão e limites do poder das abadessas no período moderno. *Economia e Sociologia*. Évora: Gabinete de Investigação e Acção Social do Instituto Superior Económico e Social de Évora. Nº 84, pp. 129-145.

\_\_\_\_ (2009) – *Cister a Sul do Tejo: o mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*. Lisboa: Colibri.

\_\_\_\_ (2017) – O exercício do poder a partir da clausura: o mosteiro feminino de S. Bento de Cástris (Portugal) no contexto pós-tridentino. In TORREMOCHA HERNÁNDEZ, Margarita; CORADA ALONSO, Alberto, Eds. – *La mujer en la balanza de la justicia (Castilla y Portugal, siglos XVII y XVIII)*. Valladolid: Castilla Ediciones, pp. 157-180. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/21296>

CONDE, Antónia Fialho; MARTINS, Ana Maria (2016) – Dos claustros cistercienses portugueses: a especificidade de S. Bento de Cástris. In VAIRO, G. R.; MELO, J. R., Coord. – *Claustros no Mundo Mediterrânico – séculos X-XVIII*. Lisboa: Almedina, pp. 101-115. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/20304>

CONDE, Antónia Fialho; SERRÃO, Vítor (2015) – A encomenda de retábulo para o mosteiro de São Bento de Cástris em 1534: mecenas, artistas e agentes envolvidos. *Artis: Revista de História da Arte e Ciências do Património*. Lisboa: Caleidoscópio. 2ª série, Nº 3, pp. 8-15. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/16908>

CONDE, Antónia Fialho; SILVA, Isabel Maria Botelho de Gusmão Dias Sarreira Cid da (2015) – Os Livros de Coro do mosteiro cisterciense de S. Bento de Cástris: análise codicológica de um Antifonário. In SALVADOR GONZÁLEZ, J.M., Org. – *Mirabilia Ars 2. El poder de la*

- Imagen. Ideas y funciones de las representaciones artísticas*. pp. 58-83. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/17043>
- DESWARTE-ROSA, Sylvie (2005) – Enlumineurs à Évora dans les années 1530: Jan Ruysch, António de Holanda, António Fernandes. In *Ao Modo da Flandres... Disponibilidade, inovação e mercado de arte na época dos Descobrimentos (1415-1580)*. Actes du congrès international (Lisbonne, 11-13 avril 2005). Madrid, pp. 197-209.
- ESPANCA, Túlio (1966) – *Inventário Artístico de Portugal. Concelho de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes. Vol. I, pp. 287-293.
- FAUSTINO, Patrícia (2018) – *O Mosteiro de S. Bento de Cástris: Memória e Identidade* [texto policopiado]. Évora: [s.n.]. Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada à Universidade de Évora.
- FRANCA, Pedro Villa; ROSA, Maria de Lurdes (2020) – Configurar os espaços monásticos no feminino: inclusão familiar, protagonismo e devoção – Os Perdígões e o Mosteiro de Cástris (séculos XIV-XV). In *O Claustro e o Século: Espaços, Fronteiras e Identidades*. Évora: CIDEHUS. Disponível em: <http://books.openedition.org/cidehus/10221>.
- FUEYP SUÁREZ, B. (2008) – *El Breviarium Portátil (ss. XIV-XV) de Santo Domingo el Real de Toledo*. Toletana: cuestiones de teología e historia. Nº 19, pp. 161-188.
- GUSMÃO, Artur Nobre de (1957) – *Os Mosteiros de Cister na época Moderna*. Separata da *Revista Lusíada*. Porto. Vol. III, Nº 10.
- JORGE, Virgolino Ferreira (1999) – Mosteiros cistercienses femininos em Portugal. Notas sobre a tipologia dos sítios e das igrejas. *Cistercium: Revista cisterciense*. Zamora: Monte Casino. Ano LI, Nº 217 (Out.-Nov. 1999) pp. 853-864.
- MACHADO, Diogo Barbosa (1930) – *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa. Tomo I, 2ª ed.
- MIGUEL, Catarina; JACOBS, Whitney Jacobs; FERREIRA, Teresa; DIAS, Cristina Barrocas; CONDE, Antónia Fialho (2020) – Behind the light – specificities of the materialities of a sixteenth century illuminated antiphonary housed in the Biblioteca Pública de Évora. In CONDE, A.F.; MAGALHÃES, O.; GOUVEIA, A. C., Dir. de – *O Claustro e o Século: Espaços, Fronteiras e Identidades*. Évora: CIDEHUS.
- PAIS, Alexandre Nobre; PEREIRA, João Castel-Branco (2000) – Iconografia de São Bernardo na azulejaria portuguesa do século XVIII. In *Actas do Colóquio Arte e Arquitectura nas Abadias Cistercienses nos séculos XVI, XVII e XVIII*. Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português do Património Arquitectónico.
- PLEGUEZUELO, Alfonso (2018) – Niculoso Pisano y Portugal. Nuevos datos y algunas hipótesis. In QUILES, F.; FERNÁNDEZ, M. F.; CONDE, A. F., Coord. de – *La Sevilla Lusa: la presencia portuguesa en el Reino de Sevilla durante el Barroco*. pp. 170-183.
- REIS, Carla Patrícia Lopes dos (2014) – *Mosteiro de São Bento de Cástris* [texto policopiado]. Covilhã: [s.n.]. Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada à Universidade da Beira Interior.
- SANTOS, Alexandra Cravo da Silva (2017) – *Reabilitação do Convento de São Bento de Cástris* [texto policopiado]. Lisboa: [s.n.]. Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.
- SERRÃO, Vítor (2017) – O tríptico de Diogo de Contreiras para a capela do Espírito Santo em São João das Lampas (Sintra). *Invenire*. Lisboa: SNBCI. nº 14, pp. 42-51.
- SERRÃO, Vítor; SIMÕES, João Miguel (2010-2011) – O testamento inédito do pintor Diogo de Contreiras (1563). *Artis: Revista do Instituto de História da Arte*. Lisboa: FLUL. 1ª Série, nº 9/10, pp. 207-212.
- TUDELA, Ana Paula (2016) – Os mestres organeiros Cunhas e o órgão que a abadessa D. Córdola Francisca mandou fazer em 1741 para o coro de cima do mosteiro de São Bento de Cástris. In *Do Espírito do Lugar - Música, Estética, Silêncio, Espaço, Luz : I e II Residências Cistercienses de São Bento de Cástris (2013, 2014)*. Disponível em: <http://books.openedition.org/cidehus/2184>.
- VERÃO, Teresa (2009) – *Os azulejos do Mosteiro de São Bento de Cástris de Évora: o ciclo bernardino e o seu significado* [texto policopiado]. Lisboa: [s.n.]. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/75601>.
- \_\_\_\_ (2016) – São Bernardo e os azulejos da Igreja de São Bento de Cástris. In *Do Espírito do Lugar - Música, Estética, Silêncio, Espaço, Luz : I e II Residências Cistercienses de São Bento de Cástris (2013, 2014)*. Disponível em: <http://books.openedition.org/cidehus/2048>.
- VITERBO, Sousa (1899, 1904, 1923) – *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses ou ao serviço de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins, Dir. de (1961) – *Armorial Lusitano. Genealogia e Heráldica*. Lisboa: Editorial Enciclopédia.